

PLANTAS CULTIVADAS EM HORTAS RESIDENCIAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE EM UMA CIDADE DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, BRASIL

Guilherme Nogueira Martins ¹
Ana Paula Branco do Nascimento ²
Maria Solange Francos ³

RESUMO: A etnobotânica estuda a relação entre o ser humano e o cultivo de plantas. Por meio dela, é possível explorar o conhecimento sobre uma infinidade de plantas com potenciais farmacológicos; plantas que podem ser utilizadas na alimentação, como condimentos e outras utilidades; plantas para fins ornamentais e plantas mágicas que possuem simbologia ou que sejam utilizadas em rituais religiosos. O presente estudo teve como objetivo identificar as plantas cultivadas em quintais da Vila Jaguaribe, em Osasco, SP, Brasil, relacionando-as com os seus respectivos usos. Para tanto, utilizou-se um roteiro estruturado e o método denominado turnê guiada. Foram realizadas 50 entrevistas, sendo identificadas 71 famílias botânicas, sendo as mais frequentes: Araceae, com 10,9%; Lamiaceae, com 7,4%; Cactaceae, com 6,1%; Orchidaceae, com 5,8% e Arecaceae, com 4,2%, divididas em 225 espécies e 570 espécimes. Em relação aos usos, 87,54% foram consideradas ornamentais pelos entrevistados; 5,61% alimentícias; 5,26% medicinais e 1,58% de plantas mágicas. Os resultados indicam uma densa e rica variedade de espécies cultivadas, as quais contribuem para a promoção da sustentabilidade e inclusão do verde em ambiente urbano do município de São Paulo.

Palavras-Chaves: Espaços Verdes; Hortas Urbanas; Biodiversidade; Agricultura Urbana; Sustentabilidade.

PLANTS CULTIVATED IN HOME GARDENS: CONTRIBUTIONS TO SUSTAINABILITY IN A CITY IN THE METROPOLITAN REGION OF SÃO PAULO, BRAZIL

ABSTRACT: Ethnobotany is the study of the relationship between human beings and the cultivation of plants. Through it, it is possible to explore the knowledge about a multitude of plants with pharmacological potentials; plants that can be used in food, such as condiments and other utilities; plants for ornamental purposes and magic plants that have symbology or that are used in religious rituals. The present study aimed to identify plants grown in backyards in Vila Jaguaribe, in Osasco, SP, Brazil, relating them to their respective uses. For that, we used a structured script and the method called guided tour. Fifty interviews were conducted, with 71 botanical families identified, the most frequent of which were: Araceae, with 10.9%; Lamiaceae, with 7.4%; Cactaceae, with 6.1%; Orchidaceae, with 5.8% and Arecaceae, with 4.2%, divided into 225 species and 570 specimens. Regarding the uses, 87.54% were considered ornamental by the interviewees; 5.61% food; 5.26% medicinal and 1.58% of magic plants. The results indicate a dense and rich variety of cultivated species, which contribute to the sustainability promotion and the inclusion of green in the urban environment in the São Paulo city.

Keywords: Green Spaces. Urban Gardens. Biodiversity. Urban agriculture. Sustainability.

¹ Professor Mestre, Secretaria de Educação do Governo do Estado de SP, guilherme.nmartins@yahoo.com

² Professora Doutora, Docente do Mestrado Profissional em Engenharia Civil da USJT e Colaboradora do Mestrado Profissional em Sustentabilidade na Gestão Ambiental da UFSCar-So, ana.branco@saojudas.br

³ Professora Mestre, Departamento de Saúde II da Universidade Nove de Julho, mariasolangef@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O estudo da interação do ser humano com o cultivo de plantas e suas utilizações é denominada Etnobotânica. Esta interação pode ocorrer de diversas formas, como provisão de alimentos, usos medicinais, mágicos (simbolismo, espirituais, etc.) e ornamentais. Este conhecimento, quando estendido para o campo da antropologia e ciências sociais pode, por exemplo, mostrar como uma determinada cultura agiu e/ou age, como eram/são seus ritos e crenças, como era/é sua medicina e como foram/são a sua alimentação, contribuindo para a construção de um conhecimento histórico (ALBUQUERQUE, 2005). Uma parte da paisagem onde ocorrem cultivos de espécies vegetais, com interações que satisfaçam as necessidades econômicas, sociais e culturais dos seus idealizadores, são chamadas de quintal (KUMAR; NAIR, 2004).

O principal conjunto e foco dos estudos etnobotânicos está na relação dos usos de plantas medicinais para elaboração de pesquisas fitoterápicas e formulação de novos medicamentos (ALBUQUERQUE, 2005). No entanto, o cultivo de plantas alimentícias também dispõe de um papel cada vez mais relevante para a atual sociedade, por buscar segurança alimentar (CASTAÑEDA-NAVARRETE, 2021), além da premissa da conservação da biodiversidade em áreas urbanas e possivelmente degradadas (LEAL; ALVES; HANAZAKI, 2018). As plantas ornamentais nos grandes centros urbanos, como São Paulo, SP, Brasil, continuam para a conservação da biodiversidade e altos níveis de diversidade genética (LAMANO-FERREIRA *et al.*, 2015). E as plantas mágicas (ritualísticas) também trazem grande valor para o conhecimento popular cultural tradicional, integrando-se inclusive com práticas medicinais consuetudinário (benzedeiros) (SILVA *et al.*, 2018).

Os estudos sobre o cultivo de plantas em hortas residenciais demonstram que a população urbana ainda possui uma relação diversa e próxima com o cultivo de plantas. Oferecendo assim, demasiados benefícios para o meio ambiente, a economia e bem-estar social em comunidade, como no estudo sobre a composição florística, biodiversidade e tipos de usos das plantas em quintais residenciais da Malásia (RAMLI *et al.*, 2021). Este município, assim como diversas cidades no Brasil e no mundo, tiveram um crescimento desordenado, resultando em problemas ambientais como: saneamento básico inapropriado, contaminação das águas, poluição do ar, aumento dos resíduos sólidos, (GOUVEIA, 1999; SOARES CONCEIÇÃO; RIBEIRO RODRIGUES, 2017), desaparecimento de espécies botânicas e animais, dentre muitos outros impactos, como desmatamento e redução de áreas verdes urbanas.

De acordo com estimativas das Nações Unidas, nos próximos 30 anos, a população mundial deverá crescer e atingir 9,7 bilhões de pessoas em 2050, tendo consequências importantes para o cumprimento da Agenda 2030 (ONU, 2019). O aumento da agricultura urbana é necessário, porém no Brasil são encontrados inúmeros desafios, desde segurança hídrica, restrições do solo e políticas específicas. A prática de cultivar espécimes vegetais, mesmo que seja em uma escala menor, pode contribuir para a prestação de serviços ecossistêmicos e conservação da biodiversidade no ambiente urbano (LAMANO-FERREIRA *et al.*, 2015), contribuindo com o ODS 11, cidades e comunidades sustentáveis. O presente artigo objetivou identificar as espécies cultivadas em hortas residenciais da Vila Jaguaribe em Osasco, SP, Brasil, relacionando-as com os seus usos.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

A cidade de Osasco está localizada na região metropolitana de São Paulo (a 22,6 km do centro de São Paulo, SP, sendo divisa deste município), possui uma área de 64,954 km², com população estimada de 698.418 habitantes em 2019, IDH de 0,776, em 2010 (IBGE, 2019), pertencendo ao bioma de Mata Atlântica. A vila Jaguaribe é um bairro localizado na região sul da cidade, com população estimada em 19.687 pessoas, sendo a ocupação do solo predominantemente residencial, com áreas caracterizadas como mistas (residenciais e comerciais) (MACEDO; ROCHA, 2010). A Figura 1 apresenta a localização da área de estudo.

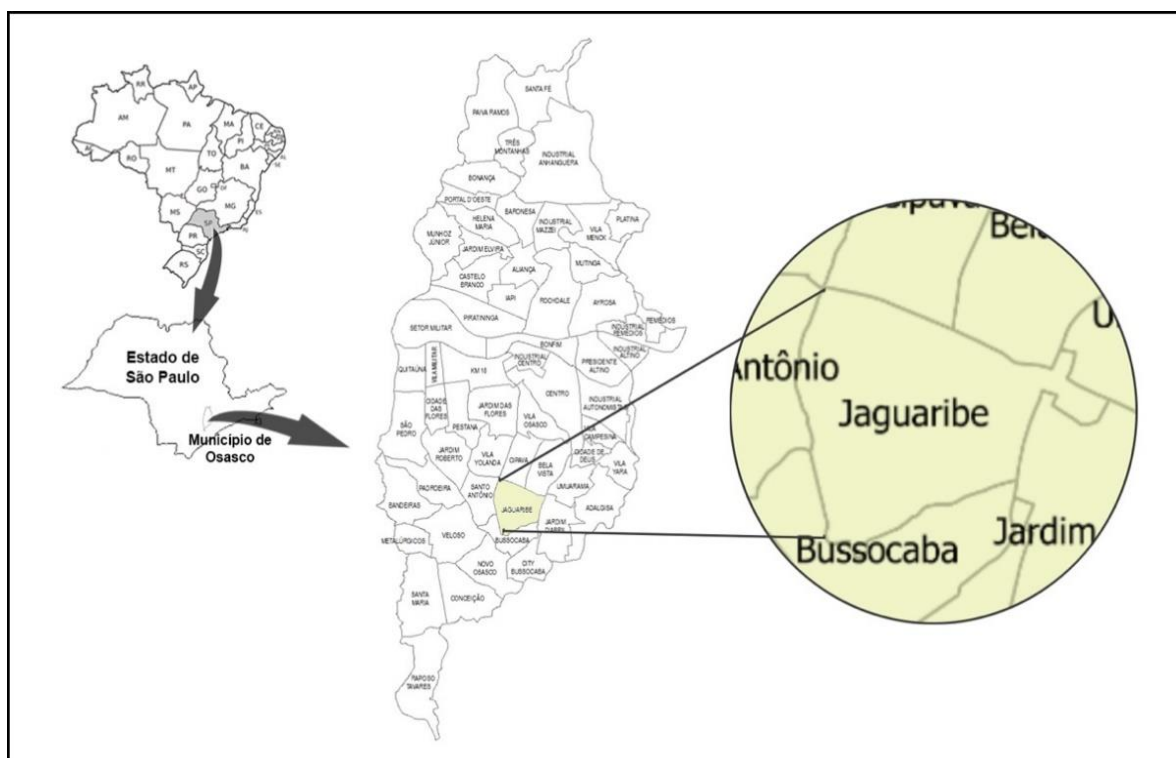


Figura 1. Localização da Vila Jaguaribe, Osasco, SP, Brasil. Fonte: Martins, Nascimento; Gallardo (2020).

Coleta de dados

As coletas de dados foram realizadas no bairro da Vila Jaguaribe, no período entre outubro de 2014 e outubro de 2015, nos períodos manhã e tarde. Os moradores que aceitaram participar da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam a um roteiro de entrevistas estruturado. As plantas foram indicadas pelos entrevistados a partir de um método chamado turnê guiada, que consiste no acompanhamento do proprietário no percurso do terreno e registro das informações sobre as plantas presentes (MOURA; ANDRADE, 2007). Estas foram fotografadas para a identificação botânica, que foi realizada por especialistas, entre os anos de 2019 e 2020, baseada na literatura científica disponível. Os dados foram compilados e analisados nos programas IBM SPSS 25 e Microsoft Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil socioambiental

Foram visitadas 433 residências, sendo que 11,5% dos moradores aceitaram participar da pesquisa, com um número total de 50 entrevistas realizadas. Destas, apenas uma residência não possuía nenhuma planta cultivada (o que representou 2,0% das amostras). A tabela 01 apresenta síntese do perfil da população entrevistada, a partir dos dados socioambientais. A tabela demonstra que 34% dos voluntários entrevistados possuem mais de 60 anos, 58% são mulheres, 60% são classificados entre a classe econômica B2 e C1 e 40% possuem Ensino Médio completo. Além disso, 62% consideram-se católicos, sendo 58% migrantes e maioria de áreas rurais.

Tabela 01. Caracterização socioambiental da população estudada, Vila Jaguaribe, Osasco, São Paulo.

Variável	n	%	Variável	n	%
Idade			Escolaridade		
Entre 18 e 19 anos	4	8,0	Analfabetos	4	8,0
De 20 a 30 anos	4	8,0	Ensino Fundamental Incompleto	5	10,0
De 31 a 40 anos	10	20,0	Ensino Fundamental Completo	4	8,0
De 41 a 50 anos	6	12,0	Ensino Médio	23	46,0
De 51 a 60 anos	8	16,0	Ensino Superior	14	28,0
61 +	17	34,0	Religião		
Não responderam	1	2,0	Católica	31	62,0
Gênero			Evangélica	7	14,0
Feminino	29	58,0	Cristã	5	10,0
Masculino	21	42,0	Espírita	4	8,0
Classe Econômica			Sem religião	2	4,0
A2	4	8,0	Ateísta	1	2,0
B1	10	20,0	Naturalidade		
B2	15	30,0	Migrantes	29	58,0
C1	15	30,0	Não Migrantes	21	42,0
C2	3	6,0	Origem dos habitantes migrantes		
D	1	2,0	Ambientes Rurais	18	62,1
Não responderam	2	4,0	Ambientes Urbanos	11	37,9

Os dados demográficos do estudo de Al-Mayahi *et al.* (2019), sobre plantas em quintais residenciais em duas áreas (Al-Mawaleh e Al-Hail) no distrito de A´Seeb Wilayah no Omã (Oriente Médio), mostram diferenças quando comparadas ao presente estudo. Em relação ao gênero dos participantes, em ambas as áreas, a maioria dos entrevistados era do gênero masculino (63,4% e 68,5%, respectivamente), sendo uma população amostrada mais jovem 69,0% e 64,7%, respectivamente, com idades até 44 anos, com escolaridade de nível superior (64,6% e 54,1%, respectivamente). Por outro lado, em uma pesquisa em quintais residenciais em zona rural da província de Limpopo, na África do Sul, Semenya e Maroyi (2020) mostraram resultados similares aos do presente estudo, sendo 73,3% dos entrevistados representados por mulheres. Em relação à escolaridade, 71,7% dos entrevistados apresentavam ensino médio completo e 63,3% tinham entre 31 e 40 anos de idade.

Em um estudo similar, que investigou a biodiversidade em quintais e a etnobotânica em duas regiões da zona Leste da cidade de São Paulo, SP, Régis e Lamano-Ferreira (2015) apresentaram resultados um pouco diferentes em relação aos do presente estudo. Em relação à escolaridade, na subprefeitura da Penha, 61% dos entrevistados possuíam mais de 12 anos de estudo. No entanto, em Cidade Tiradentes, esta porção caía para 41%. Sobre as classes econômicas dos entrevistados, 52% dos entrevistados da região da Penha foram incluídos nas classes C, D ou E, já em relação a subprefeitura da Cidade Tiradentes, este número aumentava para 73%. E em relação à idade dos entrevistados, na região da Penha, 63% possuíam mais de 41 anos, sendo que na Cidade Tiradentes, este número aumentava para 59%.

Famílias botânicas

A análise das amostras permitiu identificar 71 famílias botânicas, sendo as mais frequentes: Araceae, com 10,9%; Lamiaceae, com 7,4%; Cactaceae, com 6,1%; Orchidaceae, com 5,8% e Arecaceae, com 4,2%. Na tabela 2 é possível visualizar as famílias identificadas e as suas respectivas frequências.

Tabela 02. Frequência de famílias botânicas identificadas.

Família	Freq.	%	Família	Freq.	%
Araceae	62	10,9	Violaceae	5	,9
Lamiaceae	42	7,4	Acanthaceae	4	,7
Cactaceae	35	6,1	Costaceae	4	,7
Orchidaceae	33	5,8	Polypodiaceae	4	,7
Crassulaceae	29	5,1	Portulacaceae	4	,7
Arecaceae	24	4,2	Brassicaceae	3	,5
Amaryllidaceae	23	4,1	Fabaceae	3	,5
Asparagaceae	21	3,7	Malvaceae	3	,5
Ericaceae	16	2,8	Phyllantaceae	3	,5
Rosaceae	15	2,6	Portulacaceae	3	,5
Rutaceae	13	2,3	Verbanaceae	3	,5
Myrtaceae	12	2,1	Pteridaceae	3	,5
Araliaceae	10	1,8	Asphodelaceae	2	,4
Davalliaceae	10	1,8	Hypoxidaceae	2	,4
Xanthorrhoeaceae	10	1,8	Laxmanniaceae	2	,4
Apocynaceae	9	1,6	Lomariopsidaceae	2	,4
Geraniaceae	9	1,6	Lythraceae	2	,4
Poaceae	9	1,6	Marantaceae	2	,4
Asteraceae	8	1,4	Melastomataceae	2	,4
Begoniaceae	8	1,4	Theaceae	2	,4
Bromeliaceae	8	1,4	Anarcadiaceae	1	,2
Euphorbiaceae	8	1,4	Asclepiadaceae	1	,2
Balsaminaceae	7	1,2	Caricaceae	1	,2
Commelinaceae	7	1,2	Caryophyllaceae	1	,2
Moraceae	7	1,2	Clusiaceae	1	,2
Nyctaginaceae	7	1,2	Cucurbitaceae	1	,2
Oxalidaceae	7	1,2	Cupressaceae	1	,2
Phytolaccaceae	7	1,2	Dennstaedtiaceae	1	,2
Ruscaceae	7	1,2	Dryopteridaceae	1	,2
Alliaceae	6	1,1	Hemerocallidaceae	1	,2
Gesneriaceae	6	1,1	Hydrangeaceae	1	,2
Rubiaceae	6	1,1	Iridaceae	1	,2
Solanaceae	6	1,1	Malpighiaceae	1	,2
Apiaceae	5	,9	Oleaceae	1	,2
Piperaceae	5	,9	Zingiberaceae	1	,2

Um estudo que investigou as plantas exóticas presentes nos quintais residenciais em

zona rural (SEMENYA; MAROYI, 2020), realizado na província de Limpopo, na África do Sul, identificou 14 famílias botânicas, sendo elas: Fabaceae (8,9%); Asteraceae (7,9%); Rosaceae e Solanaceae (ambos com 6,9%); Lamiaceae (5,9%); Anacardiaceae (5,0%); Poaceae (4,0%) e as famílias Amaranthaceae, Apocynaceae, Brassicaceae, Cactaceae, Euphorbiaceae, Moraceae e Myrtaceae com 3,0% cada. Em comparação ao presente estudo, apenas as famílias Anacardiaceae e Amaranthaceae não foram identificadas.

Na zona Leste da cidade de São Paulo, foram identificadas 121 plantas pela população estudada, distribuídas em 64 famílias botânicas. As famílias botânicas mais representativas foram: Araceae (7%), Myrtaceae (7%), Lamiaceae (7%), Fabaceae (6%), Asteraceae (6%), Arecaceae (5%) e Poaceae (5%) (LAMANO-FERREIRA *et al.*, 2014).

Dentre as 46 famílias botânicas identificadas em uma pesquisa sobre as plantas de quintais da subprefeitura da Vila Maria (QUEIROZ; LAMANO-FERREIRA, 2014), zona norte da cidade de São Paulo (zona urbana), apenas 7 famílias observadas pelos autores não foram identificadas também no presente estudo, sendo elas: Monimiaceae, Lauraceae, Palmaceae, Palmaceae, Passifloraceae, Sapindaceae, Verbenaceae. Em relação com as famílias mais presentes neste estudo, foram encontrados os seguintes resultados: Araceae, com 9%; Lamiaceae, com 8%; Rutaceae, com 6% e Rosaceae, Crassulaceae e Cactaceae com 5%. Estes resultados mostram-se similares ao do presente estudo.

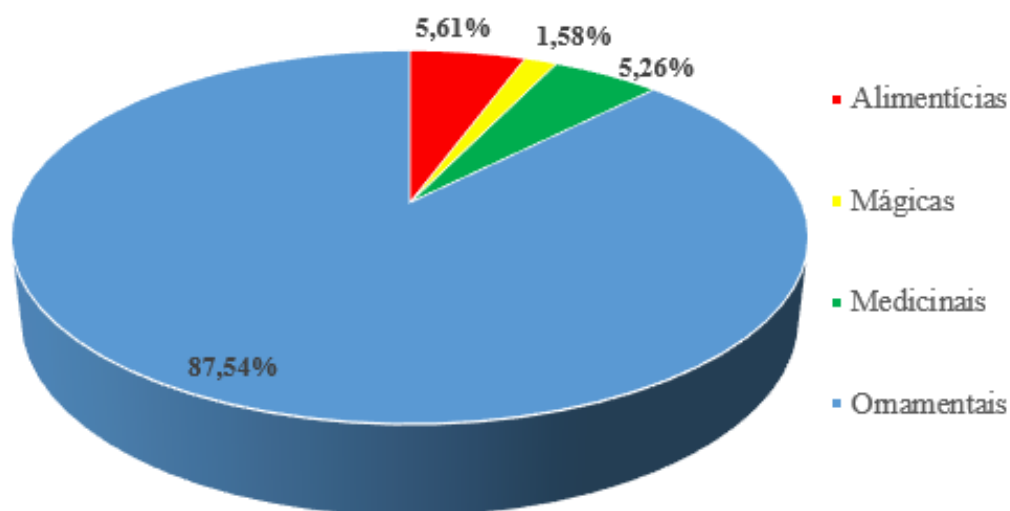
No estudo realizado por Althaus-Ottmann *et al.* (2011), foi observada a prevalência de famílias botânicas utilizadas para fins ornamentais em quintais residenciais na zona urbana da cidade de Curitiba, Paraná, com 85 representantes. As famílias mais frequentes foram: Asteraceae (com 11 espécies); Araceae e Asparagaceae (com 10 espécies cada) e Rosaceae (com 7 espécies). Na categoria de plantas alimentícias, foram identificadas 40 famílias, sendo as mais frequentes: Brassicaceae (com 9 espécies); Rosaceae (com nove espécies); Myrtaceae e Solanaceae (ambas com 7 espécies). Em relação às plantas medicinais, 29 famílias botânicas foram identificadas e as mais frequentes foram: Asteraceae (com 11 espécies) e Lamiaceae (9 espécies). Estes resultados indicam uma similaridade com os resultados do presente estudo, pois todas as famílias mais frequentes também foram identificadas, no entanto, houveram divergências em relação a frequência.

Em hortas residenciais em uma região urbanizada da Amazônia Brasileira, nos municípios de Lábrea e Canutama, no sul do Amazonas (SILVA *et al.*, 2017), foram identificadas 55 famílias botânicas, sendo as mais abundantes: Arecaceae (10 espécies); Fabaceae (8 espécies) e Rutaceae e Euphorbiaceae (6 espécies cada), todas identificadas no presente estudo. Apesar desse estudo ter realizado uma menor amostragem e ter apresentado menor diversidade de espécies e de famílias botânicas em comparação ao presente estudo, o número de amostras obtidas foi bastante superior (2203 amostras), o que indica que os quintais amazonenses dispõem de uma quantidade maior de plantas cultivadas em quintais do que na Vila Jaguaribe, em Osasco.

Espécies botânicas e seus usos

No presente estudo, a partir das 570 amostras obtidas em 50 entrevistas, foram identificadas 225 espécies. Este resultado aponta para uma rica diversidade de plantas cultivadas nas hortas residenciais da Vila Jaguaribe. Em relação aos usos, conforme demonstrado na Figura 03, 87,54% foram consideradas ornamentais pelos entrevistados; 5,61% alimentícias e 5,26% medicinais. As plantas incluídas na categoria mágicas somam 1,58%. As plantas ornamentais são as mais representativas nas hortas residenciais da Vila Jaguaribe, com ampla diferença em relação aos outros usos.

Figura 03. Gráfico sobre os tipos de usos das plantas cultivadas na Vila Jaguaribe, Osasco, SP.



Em um estudo realizado em aldeias tribais do vale de Attappadyna, região de Kerala, na Índia, sobre o cultivo de plantas em quintais, George e Christopher (2019) encontraram uma grande variedade de famílias e espécies identificadas (182 espécies e 67 famílias), sendo que, diferentemente do presente estudo, as plantas alimentícias foram predominantes, com 82 espécies (39% da amostra), seguida pelas plantas para fins medicinais com 53 espécies (25% da amostra), 52 espécies utilizadas para fins ornamentais (24%) e 10 espécies (5% da amostra) para usos mágicos, além de contar com espécies que servem como insumos de madeira ou sombreamento (7% das amostras). Segundo os autores, as plantas de quintais contribuem para os meios de subsistências para a população amostrada, provendo segurança alimentar e tratamento de patologias.

Sobre a diversidade de plantas cultivadas em loteamentos familiares em 3 cidades urbanas da Polônia, Klepacki e Kujawska (2018) mostraram resultados similares ao do presente estudo, pois as plantas ornamentais foram as mais cultivadas (72,9%) nas hortas residenciais, seguidas das alimentícias (25,2) e medicinais (1,9%), sendo 257 espécies e 72 famílias identificadas. Para essa pesquisa, no entanto, considerou-se mais de um tipo de uso etnobotânico para determinados casos. As famílias mais representadas foram Rosaceae e Asteraceae. Algumas espécies raras na natureza e protegidas na Polônia foram identificadas, como *Pulsatilla* sp., *Aruncus dioicus* e *Taxus baccata*.

El-Ghani *et al.* (2011), em estudo em ambientes urbanos no Egito, mostraram que os motivos para o cultivo de plantas podem variar conforme a localização geográfica do país, com algumas espécies cultivadas para fornecer sombreamento nas residências (*Cassia nodosa*, *Delonix regia*, *Ficus nitida*, *Tecoma stans* e *Schinus terebinthifolius*) e espécies com função de cobertura (*Sesbania sesban*, *Dodonaea viscosa*, *Hibiscus rosa-sinensis*, *Ackocanthera oblongifolia* e *Lantana camara*).

Um estudo sobre a biodiversidade de quintais em uma cidade de zona rural no centro-oeste brasileiro, Silva *et al.* (2019) identificaram uma maior proporção de plantas alimentícias, totalizando mais de 50% de todas as espécies identificadas e descritas; seguidas pelas medicinais (com 27% aproximadamente) e ornamentais, com 15%, aproximadamente. O trabalho desses autores ainda contemplou, dentro das ornamentais, a categoria de plantas para sombreamento.

Em um estudo similar, realizado em duas subprefeituras (Penha e Cidade Tiradentes, ambas localizadas em hortas residenciais urbanas da zona Leste da cidade de São Paulo), Régis

e Lamano-Ferreira (2015) observaram a prevalência de plantas ornamentais em comparação aos demais usos, com proporções de 69% na Penha e 67% Cidade Tiradentes. Já em relação às plantas medicinais, 21% na Cidade Tiradentes e 20% na Penha, e plantas alimentares corresponderam a 12% na Cidade Tiradentes e 11% na Penha. Estes resultados mostram a relevância no uso de plantas ornamentais nas áreas urbanas do município de São Paulo.

Plantas Ornamentais

A partir dos resultados obtidos na identificação taxonômica, foi possível observar que, dentre as espécies mais cultivadas para fins ornamentais estão: *Rhododendron simsii* (popularmente conhecida como azaleia, em 2,8% do total de amostras); *Dyopsis lutescens* (conhecida como areca-bambu, com 2,1%); *Rosa x grandiflora* (rosa, com 1,9%); *Kalanchoe blossfeldiana* (conhecida popularmente como planta-da-fortuna, com 1,8%) e *Schlumbergera truncata* (popularmente conhecida como flor-de-maio, com 1,8%). A Tabela 3 apresenta a relação de todas as espécies ornamentais identificadas e suas respectivas frequências.

Tabela 03. Frequência de espécimes ornamentais identificadas.

Espécies	Freq.	%	Espécies	Freq.	%
<i>Rhododendron simsii</i>	16	3,2	<i>Solanum paniculatum</i>	2	0,4
<i>Dyopsis lutescens</i>	12	2,4	<i>Syngonium angustatum</i>	2	0,4
<i>Rosa x grandiflora</i>	11	2,2	<i>Thymus vulgaris</i>	2	0,4
<i>Kalanchoe blossfeldiana</i>	10	2,0	<i>Tibouchina mutabilis</i>	2	0,4
<i>Schlumbergera truncata</i>	10	2,0	<i>Aeonium haworthii</i>	1	0,2
<i>Anthurium andraeanum</i>	9	1,8	<i>Allamanda cathartica</i>	1	0,2
<i>Crassula ovata</i>	9	1,8	<i>Anthurion sp</i>	1	0,2
<i>Cymbidium sp.</i>	9	1,8	<i>Anthurium andreanum</i>	1	0,2
<i>Pelargonium x hortorum</i>	8	1,6	<i>Astrophyton ornatum</i>	1	0,2
<i>Caladium x hortulanum</i>	7	1,4	<i>Bauhinia forficata</i>	1	0,2
<i>Clivia miniata</i>	7	1,4	<i>Begonia coccinea</i>	1	0,2
<i>Impatiens walleriana</i>	7	1,4	<i>Begonia postulata</i>	1	0,2
<i>Sansevieria trifasciata</i>	7	1,4	<i>Begonia rex</i>	1	0,2
<i>Sansevieria trifasciata var. laurenti</i>	7	1,4	<i>Bidens pilosa</i>	1	0,2
<i>Aloe vera.</i>	6	1,2	<i>Bromelia sp</i>	1	0,2
<i>Davallia fejeensis</i>	6	1,2	<i>Cadiaeum variegatum</i>	1	0,2
<i>Eucharis grandiflora</i>	6	1,2	<i>Caesalpinia pluviosa</i>	1	0,2
<i>Petiveria tetrandra</i>	6	1,2	<i>Caladium bicolor</i>	1	0,2
<i>Begonia manicata</i>	5	1,0	<i>Caladium sp.</i>	1	0,2
<i>Cattleya sp.</i>	5	1,0	<i>Capsicum baccatum</i>	1	0,2
<i>Dendrobium nobile</i>	5	1,0	<i>Catharanthus roseus</i>	1	0,2
<i>Ocimum basilicum</i>	5	1,0	<i>Clorophytum comosum</i>	1	0,2
<i>Schlumbergera truncata</i>	5	1,0	<i>Clusia fluminensis</i>	1	0,2
<i>Spathiphyllum cannifolium</i>	5	1,0	<i>Ctenanthe setosa</i>	1	0,2
<i>Viola sp.</i>	5	1,0	<i>Dianthus chinensis</i>	1	0,2
<i>Bougainvillea sp.</i>	4	0,8	<i>Drepanostachyum falcatum</i>	1	0,2
<i>Cactus sp</i>	4	0,8	<i>Dryopteris erythrosora</i>	1	0,2
<i>Chamaedora seifrizii</i>	4	0,8	<i>Duranta erecta aurea</i>	1	0,2
<i>Dendrobium sp.</i>	4	0,8	<i>Dyphania ambroioides</i>	1	0,2
<i>Dieffenbachia amoena</i>	4	0,8	<i>Echeveria agavoides</i>	1	0,2
<i>Echeveria elegans</i>	4	0,8	<i>Echeveria sp.</i>	1	0,2
<i>Epidendrum pinnatum</i>	4	0,8	<i>Echinocereus sp.</i>	1	0,2
<i>Gusmania ligulata</i>	4	0,8	<i>Echinopsis pachanoi</i>	1	0,2
<i>Portulaca grandiflora</i>	4	0,8	<i>Eriobotrya japonica</i>	1	0,2
<i>Raphis excelsa</i>	4	0,8	<i>Eruca sativa</i>	1	0,2
<i>Saintpaulia ionantha</i>	4	0,8	<i>Euphorbia tirucalli</i>	1	0,2
<i>Sedum rubrotinctum</i>	4	0,8	<i>Ficus benjamina</i>	1	0,2
<i>Solenostemon scutellarioides</i>	4	0,8	<i>Filodendro hederaceaum</i>	1	0,2
<i>Spathiphyllum ortgiesii</i>	4	0,8	<i>Filodendro panduriforme</i>	1	0,2
<i>Adiantum raddianum</i>	3	0,6	<i>Hatiora rosea</i>	1	0,2
<i>Allium fistulosum</i>	3	0,6	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i>	1	0,2

<i>Aloe arborescens</i>	3	0,6	<i>Hydrangeae macrophyla</i>	1	0,2
<i>Bougainvillea glabra</i> var. <i>graciliflora</i>	3	0,6	<i>Hypoestes phyllostachya</i>	1	0,2
<i>Callisia repens</i>	3	0,6	<i>Iresine herbstii</i>	1	0,2
<i>Costus spitacus</i>	3	0,6	<i>Justicia brandegeana</i>	1	0,2
<i>Curculigo capitulata</i>	3	0,6	<i>Lavandula dentata</i>	1	0,2
<i>Cymbopogon citratus</i>	3	0,6	<i>Lavandula latifolia</i>	1	0,2
<i>Dracena reflexa</i>	3	0,6	<i>Leucanthemum vulgare</i>	1	0,2
<i>Euphorbia pulcherrima</i>	3	0,6	<i>Ligustrum vulgare</i>	1	0,2
<i>Ixoria</i> sp.	3	0,6	<i>Livistona</i> sp.	1	0,2
<i>Lactuca sativa</i>	3	0,6	<i>Mammillaria spinosissima</i>	1	0,2
<i>Oxalis</i> sp.	3	0,6	<i>Mammillaria winterae</i>	1	0,2
<i>Paphiopedilum</i> sp.	3	0,6	<i>Mandevilla</i> sp.	1	0,2
<i>Phoenix roebelenii</i>	3	0,6	<i>Mandevilla x amabilis</i>	1	0,2
<i>Phyllanthus niruri</i>	3	0,6	<i>Menta piperita</i>	1	0,2
<i>Platyserium bifurcatum</i>	3	0,6	<i>Mentha</i> sp.	1	0,2
<i>Portulacaria afra</i>	3	0,6	<i>Mentha spicata</i>	1	0,2
<i>Sedum morganianum</i>	3	0,6	<i>Myrciaria cauliflora</i>	1	0,2
<i>Spathiphyllum</i> sp.	3	0,6	<i>Neomarica candida</i>	1	0,2
<i>Aechmea fasciata</i>	2	0,4	<i>Neoregelia</i> sp.	1	0,2
<i>Alpinia purpurata</i>	2	0,4	<i>Nephorolepis pectinata</i>	1	0,2
<i>Asclepias curassavica</i>	2	0,4	<i>Neprolepis exaltata</i>	1	0,2
<i>Asparagus densiflorus</i>	2	0,4	<i>Opuntia</i> sp.	1	0,2
<i>Beaucarnea recurvata</i>	2	0,4	<i>Orchis</i> sp.	1	0,2
<i>Brassica oleracea</i>	2	0,4	<i>Oxalis deppeilodd</i>	1	0,2
<i>Camellia japonica</i>	2	0,4	<i>Oxalis spiralis</i>	1	0,2
<i>Capsicum</i> sp.	2	0,4	<i>Pelargonium domesticum</i>	1	0,2
<i>Celosia argentea</i>	2	0,4	<i>Peperomia obtusifolia</i>	1	0,2
<i>Citrus</i> sp.	2	0,4	<i>Peperomia sandersii</i>	1	0,2
<i>Clerodendrum thomsoniae</i>	2	0,4	<i>Peperomia scandens</i>	1	0,2
<i>Codiaeum variegatum</i>	2	0,4	<i>Peumus boldus</i>	1	0,2
<i>Commelina benghalensis</i>	2	0,4	<i>Phalaenopsis x hybridus</i>	1	0,2
<i>Cordyline terminalis</i>	2	0,4	<i>Phanelopolis</i> sp.	1	0,2
<i>Crysanthemum x morifuolium</i>	2	0,4	<i>Phaseolus vulgaris</i>	1	0,2
<i>Dichorisandra thyrsoflora</i>	2	0,4	<i>Philodendron hederaceum</i>	1	0,2
<i>Dracaena fragrans</i>	2	0,4	<i>Philodendron panduriforme</i>	1	0,2
<i>Dracaena marginata</i>	2	0,4	<i>Philodendron renauxii</i>	1	0,2
<i>Duranta erecta</i>	2	0,4	<i>Philodendron bipinnatifidum</i>	1	0,2
<i>Epipremnum aureum</i>	2	0,4	<i>Phormium tenax</i>	1	0,2
<i>Eugenia uniflora</i>	2	0,4	<i>Pilea</i> sp.	1	0,2
<i>Ficus pumila</i>	2	0,4	<i>Plecthantus nummularius</i>	1	0,2
<i>Fittonia albivenis</i>	2	0,4	<i>Polypodium aureum</i>	1	0,2

<i>Gardenia jasminoides</i>	2	0,4	<i>Polyscias fruticosa</i>	1	0,2
<i>Gramma esmeralda</i>	2	0,4	<i>Psidium guajava</i>	1	0,2
<i>Graptopetalum paraguayense</i>	2	0,4	<i>Pteridium aquilinum</i>	1	0,2
<i>Hawortia cymbiformis</i>	2	0,4	<i>Punica granatum</i>	1	0,2
<i>Hedera helix</i>	2	0,4	<i>Rhipsalis elliptica</i>	1	0,2
<i>Hibiscus</i> sp.	2	0,4	<i>Rhipsalis teres</i>	1	0,2
<i>Hippeastrum hybridum</i>	2	0,4	<i>Ricinus communis</i>	1	0,2
<i>Hylocereus undatus</i>	2	0,4	<i>Rosa chinensis</i>	1	0,2
<i>Morus nigra</i>	2	0,4	<i>Rosa hybrid</i>	1	0,2
<i>Murraya paniculata</i>	2	0,4	<i>Ruta graveolens</i>	1	0,2
<i>Nematanthus wettsteinii</i>	2	0,4	<i>Sanseveria cylindrica</i>	1	0,2
<i>Nephrolepis</i> sp.	2	0,4	<i>Sanseveria stuckyi</i>	1	0,2
<i>Nephrolepis davalliaceae</i>	2	0,4	<i>Sedum nussbaumerianum</i>	1	0,2
<i>Oncidium</i> sp.	2	0,4	<i>Selenicereus anthonyanus</i>	1	0,2
<i>Oxalis regnellii</i>	2	0,4	<i>Spathiphyllum wallisii</i>	1	0,2
<i>Peperomia serpens</i>	2	0,4	<i>Spinacia oleracea</i>	1	0,2
<i>Phalaenopsis</i> sp.	2	0,4	<i>Stromanthe thalia</i>	1	0,2
<i>Philodendron xanadu</i>	2	0,4	<i>Tabernaemontana divaricata</i>	1	0,2
<i>Plumeria rubra</i>	2	0,4	<i>Taraxacum officinale</i>	1	0,2
<i>Rhipsalis baccifera</i>	2	0,4	<i>Thevetia peruviana</i>	1	0,2
<i>Scindapsus pictus</i> var. <i>argyraeus</i>	2	0,4	<i>Zamioculcas zamiifolia</i>	1	0,2

As plantas ornamentais mais frequentes em quintais residenciais da Polônia (Europa) foram *Rosa* spp., *Peonia* spp., *Phlox paniculata*, *Buxus sempervirens*, *Convalaria majalis*, *Tulipa* spp., *Dahlia hybrida*, *Zinia elegans*, *Aster* spp. e *Tagetes* spp. (nenhuma identificada neste estudo) Klepacki e Kujawska (2018). Plantas ornamentais também foram identificadas no estudo de El-Ghani et al, (2011) no Egito, como *Rosa* sp., *Ficus elastica*, *Thevetia peruviana* (sendo esta espécie identificada no presente estudo), *Oleandro de Nerium* e *Ipomoea carnea*. Folhas de *Mangifera indica* são usadas para decoração durante cerimônias de casamento e eventos (GEORGE; CHRISTOPHER, 2019). A maioria das espécies (mais de 80%) cultivadas com fins ambientais na tribo Karen, localizadas em quatro aldeias nas províncias de Chiang Mai e Tak, no norte da Tailândia, foram para fins ornamentais (PANYADEE et al, 2018), com destaque para *Vetiveria zizanioides*, *Cestrum nocturnum*, *Duranta erecta*, *Archidendron clypearia*, *Bombax ceiba*, *Crateva religiosa*, *Erythrina stricta*, *Litsea* spp., *Prunus pérsica*, *Salix tetrasperma* e *Senna spectabilis*. Destas, apenas *Duranta erecta* foi identificada no presente estudo.

Em um estudo realizado por Freitas et al. (2020), (FREITAS et al, 2020) realizado em quintais residenciais em São João da Várzea, RN, localizado na região nordeste do Brasil, zona rural/agreste, foram identificadas 154 espécies pertencentes a 63 famílias botânicas, representando um total de 2.474 plantas. Dentre essas plantas, 17,9% foram utilizadas para fins ornamentais, com 18,9% referentes às plantas medicinais. As espécies ornamentais mais identificadas foram *Zinnia peruviana* (91 espécimes), *Sanseveria trifasciata* var. *laurentii* (32 espécimes), *Alocasia macrorrhizos* (11 espécimes), *Philodendron imbe* e *Pilea microphylla* (10 espécimes cada) e *Allamanda blanchetii* e *Dieffenbachia amoena* (com 9 espécimes cada).

Somente as espécies *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* e *Dieffenbachia amoena* foram identificadas no presente estudo, também com uso ornamental pelos entrevistados.

Plantas Alimentícias

No presente estudo, as plantas alimentícias mais frequentes foram: *Eugenia uniflora* (conhecida popularmente como pitangueira) e *Ocimum basilicum* (manjeriçã) ambos com 12,5%, seguidos por *Allium fistulosum* (cebolinha) e *Citrus* sp. (limão) ambos com 9,4%. A tabela 4 apresenta a frequência de todas as plantas alimentícias identificadas relacionadas com a frequência de consumo.

Tabela 04. Frequência de plantas cultivadas para fins alimentícios e sua frequência de consumo (D: diária, S: semanal, M: mensal, E: eventual).

Nome Científico	Abundância		Consumo			
	N	%	D	S	M	E
<i>Allium fistulosum</i>	3	9,4	-	2	1	-
<i>Capsicum</i> sp.	1	3,1	-	-	-	1
<i>Carica papaya</i>	1	3,1	-	-	-	1
<i>Citrullus lanatus</i>	1	3,1	-	-	-	1
<i>Citrus</i> sp.	3	9,4	-	1	-	2
<i>Colocasia esculenta</i>	1	3,1	-	-	1	-
<i>Coriandrum sativum</i>	2	6,3	-	1	-	1
<i>Cymbopogon citratus</i>	1	3,1	-	1	-	-
<i>Eriobotrya japonica</i>	1	3,1	-	-	-	1
<i>Eugenia uniflora</i>	4	12,5	-	-	-	4
<i>Fortunella maragarita</i>	1	3,1	-	-	-	1
<i>Mangifera indica</i>	1	3,1	-	-	-	1
<i>Morus alba</i>	1	3,1	-	-	-	1
<i>Ocimum basilicum</i>	4	12,5	1	1	-	2
<i>Origanum vulgare</i>	1	3,1	-	-	-	1
<i>Petroselinum crispum</i>	2	6,3	-	-	-	2
<i>Plinia cauliflora</i>	2	6,3	-	-	-	2
<i>Rosmarinus officinalis</i>	2	6,3	-	-	-	2

As plantas alimentícias mais presentes no artigo de Klepacki e Kujawska (2018) na Europa, foram *Malus domestica*, *Pyrus communis*, *Prunus domestica*, *Ribes uva-crispa*, *Ribes rubrum*, *Ribes nigrum*, *Rubus idaeus*, *Lycopersicon esculentum*, *Cucumis sativus*, *Phaseolus vulgaris* e *Petroselinum crispum* (esta última, também cultivada e utilizada para fins alimentícios no presente estudo). *Coffea arabica* (identificado nesta pesquisa como planta alimentícia) foi cultivada pela maior parte das famílias nas aldeias Muduga e Kurumba na Índia, sendo que os seus grãos foram colocados à venda (GEORGE; CHRISTOPHER, 2019).

A ocorrência de plantas alimentícias também foi identificada no estudo de El-Ghani *et al.*, (2011) no Egito, como *Phoenix dactylifera*, *Psidium guajava* (identificada neste estudo como planta medicinal) e *Olea europaea*. Os tipos de plantas mais comuns em quintais residenciais na área rural da Amazônia Peruana, segundo o estudo de Bauer, Taylor e Alvarado (2017), foram as frutíferas e as medicinais, sendo *Eugenia stipitata* e *Mauritia flexuosa* as plantas frutíferas mais comuns.

Nos quintais agroflorestais da caatinga nordestina brasileira, segundo Florentino *et al.* (2007), houve a prevalência de plantas alimentícias em relação aos demais usos, com 28,83% de todas os usos descritos, sendo as plantas mais abundantes *Anacardium occidentale*, *Zea mays*, *Manihot* sp., *Phaseolus* sp., *Musa* × *paradisíaca*, *Cucumis* sp., *Abelmonchus* sp.,

Citrullus sp. (identificado no presente estudo), *Curcubita* sp., *Psidium guajava* (identificadas no presente estudo como plantas ornamentais e medicinais) e *Annona squamosa*.

Plantas Medicinais

A respeito das plantas medicinais, as espécies mais frequentes foram *Plectranthus ornatus* (conhecido popularmente como boldinho ou boldo-miúdo, com 20,0%) e *Plectranthus barbatus* (boldo-brasileiro ou boldão, com 16,7%). O uso de ambas as plantas está relacionado, segundo os discursos dos entrevistados, à dores de estômago e no fígado, além de ajudar no processo de digestão. Além do processo de utilização desses espécimes serem por meio de chá com as suas folhas (processo de cozimento das folhas com água, sendo ingerida o produto líquido desta solução). A tabela 5 apresenta a relação das plantas medicinais identificadas com as respectivas indicações e parte da planta utilizada, apontados pelos entrevistados.

Tabela 05. Frequência de plantas medicinais, indicações e parte da planta utilizada.

Nome Científico	Indicações / Sintomas / Doenças	Parte da Planta Utilizada	Abundância	
			N	%
<i>Aloe vera</i>	Queimaduras, cosmético para cabelo, varizes	Folha	2	6,7
<i>Citrus</i> sp.	Resfriado	Folha e Fruto	2	6,7
<i>Cofea arabica</i>	Menstruação, cólica	Folha	1	3,3
<i>Costus spitacus</i>	Problemas urinários	Folha	1	3,3
<i>Cymbopogon citratus</i>	Calmante	Folha	2	6,7
<i>Dyphania ambroioides</i>	Dor no estômago	Folha	1	3,3
<i>Eugenia uniflora</i>	Diabetes, diarreia	Folha e Fruto	1	3,3
<i>Ficus carica</i>	Calmante	Fruto	1	3,3
<i>Malpighia emarginata</i>	Resfriado	Folha e Fruto	1	3,3
<i>Mentha spicata</i>	Resfriado, gripe, dor de garganta, calmante, dor de cabeça, cólica, expectorante	Folha	2	6,7
<i>Pimpinella anisum</i>	Calmante	Folha	1	3,3
<i>Plectranthus barbatus</i>	Dor no estômago, ressaca, dor de barriga, dor de cabeça, dor no fígado, para digestão, enjoo	Folha	5	16,7
<i>Plectranthus ornatus</i>	Dor no estômago, má digestão, fígado	Folha	6	20,0
<i>Psidium guajava</i>	Dor de barriga, diarreia	Folha	1	3,3
<i>Punica granatum</i>	Dor de garganta	Casca do Fruto, Folha	1	3,3
<i>Rosmarinus officinalis</i>	Coração, dores no geral, mal-estar, gripe, aumenta a pressão	Folha	2	6,7

Em relação às plantas medicinais listadas no trabalho de Klepacki e Kujawska (2018), na Polônia, estas foram: *Mentha* sp, *Salvia officinalis*, *Melissa officinalis*, *Thymus* sp e *Urtica dioica* (sendo a *Mentha* spp., a única planta medicinal presente em ambos os estudos). Raramente plantas medicinais foram identificadas no estudo de El-Ghani *et al.* (2011) no Egito, entretanto a presença de *Aloe vera* (identificada neste estudo como planta medicinal), *Ricinus communis* (utilizada no presente estudo como planta ornamental) e *Cassia fistula* foram identificadas. *Cymbopogon citratus* (sendo este utilizado no presente estudo como planta alimentícia, medicinal e ornamental), *Malachra alceifolia* e *Mansoa alliacea* foram as plantas medicinais mais frequentes, sendo que ambas são usadas para tratar patologias comuns, como dores nas articulações e no estômago. No caso da *Cymbopogon citratus* no presente estudo, a

mesma foi utilizada (para fim medicinal) como calmante, diferente da patologia indicada no estudo de Bauer, Taylor e Alvarado (2017).

Em um estudo etnobotânico realizado na cidade de Santa Bárbara do Tugúrio, MG (BARROS *et al.*, 2018), região sudeste do Brasil, identificou que 15% das plantas cultivadas em quintais, foram para fins medicinais, sendo representadas principalmente pelas espécies *Bauhinia forficata* e *Erythrina mulungu* (nenhuma identificada no presente estudo).

Plantas mágicas

O menor uso etnobotânico descrito pelos participantes, trata-se das plantas mágicas, que corresponderam a 1,58% (9 espécimes) de todas as plantas identificadas e descritas pelos entrevistados. A planta mais frequente foi a *Dieffenbachia seguine* (conhecida popularmente como Comigo-Ninguém-Pode, com 44,4% de todas as plantas mágicas) que tem como simbologia, proteger a casa das energias negativas.

Tabela 06. Abundância de plantas mágicas.

Nome Popular	Simbologia	Abundância	
		N	%
<i>Dieffenbachia seguine</i>	Proteger a casa de energias negativas	4	44,4
<i>Petiveria tetrandra</i>	Atrair boa sorte para o lar	1	11,1
<i>Polyscias fruticosa</i>	Atrair felicidade para o lar	2	22,2
<i>Ruta graveolens</i>	Afastar o mal olhado	2	22,2

Em um estudo similar que investigou a biodiversidade e etnobotânica de plantas em quintais residenciais no Vale Tehuacán no México, América do Norte (LARIOS *et al.*, 2013), apresentou resultados similares ao do presente estudo, em número de espécies identificadas, ficaram as ornamentais com mais de 115 espécies, seguidas pelas alimentícias com mais de 90 espécies, medicinais com mais de 50 espécies e plantas mágicas com menos de 20 espécies. Na Índia, as plantas *Aerva lanata* (não identificada no presente estudo) e *Aloe vera* (a décima planta mais frequente no presente estudo) foram usadas principalmente em cerimônias de puberdade, como simbologia espiritual. Outras plantas como *Areca catechu*, *Calotropis gigantea*, *Cynodon dactylon*, *Euphorbia hirta*, *Ocimum basilicum*, *Ocimum gratissimum*, *Ocimum tenuiflorum* (nenhuma delas identificada no presente estudo) também foram usadas no culto (GEORGE; CHRISTOPHER, 2019).

No estudo de Silva *et al.* (2018), que investigou a etnobotânica de plantas medicinais e místicas (mágicas) de comunidades cuiabanas (compostas por 14 municípios, sendo 3 estudados) localizada no estado do Mato Grosso, região centro-oeste brasileira, identificou que 70% dos entrevistados citaram usos de plantas mágicas como propriedades de cura espiritual, utilizadas como descarrego (ritual para livrar energias deletérias) e proteção. Sendo as plantas mágicas mais frequentes foram *Senna occidentalis*, com a simbologia de quebrante (quebrar feitiços ou influências maléficas), *Ruta graveolens*, com a simbologia de quebrante e atrair proteção, *Sansevieria trifasciata*, com a simbologia de afastar o “mau-olhado” (inveja), *Dieffenbachia picta*, *Anacardium occidentale* e *Petiveria alliacea* ambos com a simbologia atrair proteção. Comparando-as com as plantas identificadas no presente estudo, apenas *Ruta graveolens* (identificada como planta ornamental e planta mágica com a mesma simbologia) e *Sansevieria trifasciata* (identificada como planta ornamental) foram reconhecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do cultivo de plantas em hortas residenciais no presente estudo, demonstrou abrigar uma rica e diversa variedade de famílias botânicas e espécies, contribuindo assim para a conservação da biodiversidade local. A relação etnobotânica estabelecida nos quintais oferece diversas utilidades para as famílias que as cultivam, sendo a principal delas, ornamentação para os seus lares. Assim como provisão de alimentos, com o cultivo de condimentos e frutos orgânicos, que enriquecem os pratos das famílias. A prática de usos medicinais para enfrentar ou prevenir patologias e usos de cunho espiritual e simbólicos (plantas mágicas) para fortalecer a percepção de bem-estar individual, demonstra outros usos de plantas cultivadas nas hortas residenciais.

Com a crescente urbanização e redução dos biomas ao longo de todo o país, torna-se fundamental que o cultivo de plantas tanto em espaços residenciais quanto em espaços públicos, como parques, praças e hortas comunitárias. Estes espaços são cada vez mais necessários nos centros urbanos, tornando o cinza das cidades um pouco mais verde, colaborando para a conservação de espécies. Cabe também incluir espécies extintas em ambientes naturais, provendo segurança alimentar em pequena escala, reduzindo o uso indiscriminado de medicamentos e possivelmente amenizando distúrbios mentais como stress e ansiedade. Além disso, o cultivo de hortas em espaços públicos e privados resgata saberes populares e proporciona conhecimento a novas gerações, sendo locais de aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Eng. Agrônomo Júlio César dos Reis pelo valioso auxílio na identificação botânica de diversas espécies apresentadas no trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABD EL-GHANI, Monier et al. Plant species distribution and spatial habitat heterogeneity in the landscape of urbanizing desert ecosystems in Egypt. *Urban Ecosystems*, v. 14, n. 4, p. 585-616, 2011.
- AL-MAYAH, Ahmed et al. Home gardening in Muscat, Oman: Gardeners' practices, perceptions and motivations. *Urban Forestry & Urban Greening*, v. 38, p. 286-294, 2019.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. *Introdução à etnobotânica*. Interciência, 2005.
- ALTHAUS-OTTMANN, Michelle Melissa; DA CRUZ, Mailane Junkes Raizer; DA FONTE, Nilce Nazareno. Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, v. 9, n. 1, 2011.
- BARROS, Vanessa Maria de Souza et al. Cultura e utilização de plantas: Conhecimento popular no município de Santa Bárbara do Tugúrio-MG. *Cadernos de Agroecologia*, v. 13, n. 1, 2018.
- BAUER, Daniel; TAYLOR, Duncan; PINEDO ALVARADO, Nelly. Home Garden Diversity of the Tahuayo Region, Peru. *Journal of Ecological Anthropology*, v. 19, n. 1, p. 53-63, 2018.
- CASTAÑEDA-NAVARRETE, Jennifer. Homegarden diversity and food security in southern Mexico. *Food security*, p. 1-15, 2021.
- FERREIRA, M. L., FERREIRA, G. R., FERREIRA, A. P., & DO NASCIMENTO, L. A. M. A. N. O. (2016). Biodiversidade e Sustentabilidade: Plantas cultivadas em quintais urbanos do distrito de Itaim Paulista, São Paulo, SP.
- FLORENTINO, Alissandra Trajano Nunes; ARAÚJO, Elcida de Lima; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta botanica brasílica*, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.
- FREITAS, Ana Valeria Lacerda de; et al. FARMERS HOMEGARDENS IN SÃO JOÃO DA VARZEA, RIO GRANDE DO NORTE, BRAZIL. *Journal of Global Biosciences*, v. 9, n. 2, p. 6819-6841, 2020.
- GEORGE, M. Veena; CHRISTOPHER, G. Structure, diversity and utilization of plant species in tribal homegardens of Kerala, India. *Agroforestry Systems*, v. 94, n. 1, p. 297-307, 2020.
- GOUVEIA, Nelson. Saúde e meio ambiente nas cidades: os desafios da saúde ambiental. *Saúde e sociedade*, v. 8, p. 49-61, 1999.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado em 21 maio, 2020, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/osasco/panorama>.
- KLEPACKI, Piotr; KUJAWSKA, Monika. Urban allotment gardens in Poland: Implications for botanical and landscape diversity. *Journal of Ethnobiology*, v. 38, n. 1, p. 123-137, 2018.
- KUMAR, B. Mohan; NAIR, PK Ramachandran. The enigma of tropical homegardens. *Agroforestry systems*, v. 61, n. 1-3, p. 135-152, 2004.

LAMANO-FERREIRA, A. P. N. et al. Espaços residenciais urbanos e suas implicações na conservação da biodiversidade. *Estudos Urbanos: uma abordagem interdisciplinar da cidade contemporânea*. 1ed. Tupã: ANAP, p. 349-362, 2015.

LARIOS, Carolina et al. Plant management and biodiversity conservation in Náhuatl homegardens of the Tehuacán Valley, Mexico. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 9, n. 1, p. 74, 2013.

LEAL, Mayana Lacerda; ALVES, Rubana Palhares; HANAZAKI, Natalia. Knowledge, use, and disuse of unconventional food plants. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 14, n. 1, p. 6, 2018.

MACEDO, T. J. R.; ROCHA, Y. T. Qualidade ambiental urbana do bairro Jaguaribe, município de Osasco, Estado de São Paulo, Brasil, In *Anais do VII Seminário Latino Americano de Geografia Física, II Seminário Ibero Americano de Geografia Física*, Portugal, Universidade de Coimbra, p. 1-13, 2010.

MARTINS, G. N.; NASCIMENTO, A. P. B.; GALLARDO, A. L. C. F. QUALIDADE DE PRAÇAS E PARQUES URBANOS PELA PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO. *Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 5, n. 3, p. 34-47, 2020.

MOURA, Carolina Lopes; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro de Muribeca, Jaboatão dos Guararapes-PE. *Revista Brasileira de Biociências*, Porto Alegre, v.5, nº 1, p.219-221, 2007.

ONU. Organização das Nações Unidas. População mundial deve chegar a 9,7 bilhões de pessoas em 2050, diz relatório da ONU. 2019. <https://nacoesunidas.org/populacao-mundial-deve-chegar-a-97-bilhoes-de-pessoas-em-2050-diz-relatorio-da-onu/>. Acesso em 30 Jun 2021

PANYADEE, Prateep et al. Karen homegardens: Characteristics, functions, and species diversity. *Economic Botany*, v. 72, n. 1, p. 1-19, 2018.

QUEIROZ, Daniela Pereira Neto de; LAMANO-FERREIRA, Ana Paula do Nascimento. Diversidade e uso de plantas cultivadas em quintais residenciais urbanos localizados na região da Vila Maria, zona norte de São Paulo, SP, Brasil. *Journal of Health Sciences*, v. 16, n. 4, 2014.

RAMLII, Mohd Raznan; MILOW, POZI; MALEK, SORAYYA. Species composition, diversity and traditional uses of plants in homegardens in Kampung Masjid Ijok, Perak, Malaysia. *Biodiversitas Journal of Biological Diversity*, v. 22, n. 4, 2021.

REGIS, Milena Moura; LAMANO-FERREIRA, Ana Paula do Nascimento. Espaços Residenciais: Percepção e Cultivo de Plantas em Duas Regiões da Zona Leste do Município de São Paulo. *Unopar científica. Ciências Biológicas e da Saúde*, v. 178, p. 254-253, 2015.

SEMENYA, Sebua Silas; MAROYI, Alfred. Assessment of Useful Alien Plant Species Cultivated and Managed in Rural Home Gardens of Limpopo Province, South Africa. *Scientifica*, v. 2020, 2020.

SILAS SEMENYA, Sebua; MAROYI, Alfred. Assessment of Useful Alien Plant Species Cultivated and Managed in Rural Home Gardens of Limpopo Province, South Africa. *Scientifica*, v. 2020.

SILVA, Raiane Judith Barreto et al. CRENÇAS POPULARES: ATRIBUIÇÕES MÍSTICAS E MEDICINAIS ÀS PLANTAS NA BAIXADA CUIABANA. MATO GROSSO, BRASIL. *Biodiversidade*, v. 17, n. 1, 2018.

SILVA, Roberto Lima da et al. Agrobiodiversidade em quintais agroflorestais urbanos de três municípios da região sul do Amazonas, Brasil. *Cadernos de Agroecologia*, v. 13, n. 1, 2018.

SOARES CONCEIÇÃO, F.; RIBEIRO RODRIGUES, Z. M. GEOGRAFIA DA SAÚDE: CONTEXTO DAS DOENÇAS DE VEICULAÇÃO HÍDRICA NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO BOA HORA, MUNICÍPIO DE URBANO SANTOS, MA. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, v. 13, n. 26, p. 148 - 155, 7 dez. 2017

SOUSA, Lucianna Lima Pereira et al. Agrobiodiversity of homegardens in Maranhão, Brazil. *Asian Journal of Environment & Ecology*, p. 1-7, 2018.